

Revista de Literatura,
História e Memória

Dossiê 90 anos da Semana de
Arte Moderna no Brasil

ISSN 1809-5313

VOL. 8 - Nº 11 - 2012

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 45-55

MÁRIO DE ANDRADE E O MODERNISMO: PERCURSOS DE UM NACIONALISMO CONSCIENTE

FACCHIN, Michelle Aranda (UNIFAFIBE)¹

RESUMO: O presente artigo apresenta uma revisão sobre a obra de Mário de Andrade, em especial, as crônicas que publicou nos jornais e que depois organizou na coletânea intitulada *Os filhos da Candinha*, objetivando identificar a forma como são configurados os aspectos nacionais. O autor acredita no nacionalismo como um processo de autoconhecimento, ou seja, sua ideia de nacionalismo aproxima-se do princípio de identidade nacional, no processo de autoconsciência, conforme exposto por Marilena Chauí na obra *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. O que nos interessa é entender a preocupação do escritor em confeccionar um retrato do Brasil em seus textos, em uma busca incessante pelo estabelecimento da identidade cultural nacional. Mário não se ateu apenas ao lado negativo do brasileiro, mas optou também por “divulgar” características brasileiras positivas, como uma tentativa de fortalecer a consciência do brasileiro sobre si mesmo e sua cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Mário de Andrade; nacionalismo

ABSTRACT: This work presents some review of Mário de Andrade's writings, specially the chronicles written in newspapers and, afterwards, published in the collection named *Os filhos da Candinha*, in order to identify the way in which national aspects are built in the texts. Mário de Andrade supported the concept of nationalism as a process of self-knowledge, that dialogues with Marilena Chauí's concept of national identity (*Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*). The main objective of this work is to comprehend the Brazilian author's preoccupation with a national portrait of Brazil, aiming at the establishment of a cultural identity. Mário de Andrade did not write only about the negative aspects of Brazilians but also he worked to divulge positive Brazilian characteristics, as a way to strengthen Brazilians conscience about themselves and their culture.

KEYWORDS: Chronicle; Mário de Andrade; nationalism

O Modernismo defendeu a divulgação de valores nacionais, dando continuidade ao nacionalismo romântico e parnasiano. Os modernistas reelaboraram as propostas de nacionalismo até então em voga e aliaram-no a uma atmosfera de expe-

rimentações, no plano estético, e de crítica, no plano ideológico. O “Modernismo opta pelo rumo nacionalista contra o cosmopolitismo, primitivo contra o artifício, sociológico contra o psicológico, folclórico contra o literário e (já!) político contra o gratuito.” (MARTINS, 2002, p.103). Mário de Andrade buscou desenvolver o que chamou de nacionalismo consciente, por meio do estudo e divulgação do folclore brasileiro, da antropologia e das características próprias do brasileiro, que configuraram, em conjunto, um retrato do Brasil. Como Moraes afirma:

O Modernismo, em sua fase nacionalista, elabora simultaneamente e comprometendo uma com a outra sua Ontologia e sua Teoria do Conhecimento da entidade nacional. O lugar atribuído ao ser nacional no quadro internacional e segundo regras que emanam do seu funcionamento global determinam a maneira como se constrói o retrato-do-Brasil seja do ponto de vista ontológico, seja do epistemológico. (MORAES, 1990, p. 71).

Desse modo, o retrato do Brasil é delineado, nas obras marioandradianas, por meio da acepção dos fundamentos que servem de base ao ser nacional, ou seja, à identidade do brasileiro apreendida por Mário de Andrade durante suas viagens etnográficas pelo país e os estudos que realizou para compor suas obras. Segundo Marilena Chauí, a identidade do Brasil foi construída, entre 1830 e 1970, sob uma perspectiva do atraso, isto é, levando-se em consideração aquilo que lhe faltava, “pela privação daquelas características que o fariam pleno e completo, isto é, desenvolvido.” (CHAUÍ, 2007, p.28). Ainda, a autora menciona que a composição da “identidade nacional” brasileira está ligada à ideia da consciência em três níveis: do indivíduo, do social e do nacional.

a “identidade nacional” precisa ser concebida como harmonia e/ou tensão entre o plano individual e o social e também como harmonia e/ou tensão no interior do próprio social. Para fazê-lo, os ideólogos da “identidade nacional” invocam as ideias de “consciência individual”, “consciência social” e “consciência nacional”. (CHAUÍ, 2007, p.26).

Diferentemente do “caráter nacional”, a “identidade nacional” possui uma dimensão subjetiva, individual, enquanto o “caráter nacional” possui um viés de objetividade, algo apreendido pelos antropólogos e outros estudiosos, independente-

mente da consciência dos agentes do processo, ou seja, dos próprios brasileiros. O “caráter nacional” caracteriza-se como uma compilação de traços coerentes e frequentes no brasileiro. Envolve o momento sociopolítico, a classe social dos autores e as ideias europeias em voga.

Tomando as construções do “caráter nacional” como ideologias, Moreira Leite conclui seu livro [*O caráter nacional brasileiro*] afirmando que elas foram, na verdade, obstáculos para o conhecimento da sociedade brasileira e não a apresentação fragmentada e parcial de aspectos reais dessa sociedade. (CHAUÍ, 2007, p.21).

Mário de Andrade acreditava que nacionalismo é autoconhecimento, ou seja, sua ideia de nacionalismo aproxima-se do princípio de identidade nacional, no processo de autoconsciência, conforme já exposto, a que Marilena Chauí se refere. É o que notamos na crônica “Abril”:

Vamos fugir de norteamericanos, intalianos e nortistas, que são gentes cheias de vozes e de gesticulação. Vamos cultivar com paz e muita consciência nossas rosas, ruas, largos e as estradas vizinhas. Calmos, vagarentos, silenciosos, um bocadinho trombudos mesmo, nessa espécie tradicional de alegria, que não brilha, nem é feita pra gozo dos outros. (ANDRADE, 2008, p. 70).

Como afirma Moraes (1990, p. 72), “Mário de Andrade persegue a definição do elemento nacional. Neste período amadurece em sua obra a necessidade de se elaborar um retrato-do-Brasil obtido através de uma via analítica do conhecimento.”

Na composição de *Macunaima* e em seus escritos críticos da época nota-se o cuidado rigoroso de efetuar o levantamento do material que torna possível traçar o perfil do Brasil. Era intenção de Mário de Andrade, em sua perspectiva analítica, ao justapor os variados elementos culturais presentes na esfera nacional, chegar à definição de um elemento comum que qualificasse todos como pertencentes ao mesmo patrimônio cultural. (MORAES, 1990, p.73).

No que se refere a uma elaboração ideológica de “caráter nacional”, Mário

se aproxima de estudiosos como Sílvio Romero, a partir do momento em que demonstra, em seus textos, o estabelecimento de determinadas características negativas dos brasileiros, que se opõem à visão idealizada do Romantismo. Exemplo disso é a obra *Macunaíma*, que possui um herói “sem nenhum caráter”:

[...] a princípio [Mário de Andrade] quis fazer um símbolo do brasileiro, que lhe parece não ter caráter, não só do ponto de vista moral, mas como entidade psíquica permanente, manifestando-se por tudo, e nos costumes, na ação exterior, no sentimento, na língua, na História, na andadura, tanto no bem como no mal. (VICTOR apud MARTINS, 2002, p.205).

Para Sílvio Romero, as características psicológicas do brasileiro são:

1.apático; 2.sem iniciativa; 3.desanimado; 4.imitação do estrangeiro (na vida intelectual); 5.abatimento intelectual; 6.irritabilidade; 7. nervosismo; 8.hepatismo; 9.talentos precoces e rápida extenuação; 10.facilidade para aprender; 11.superficialidade das faculdades inventivas; 12.desequilibrado; 13.mais apto para queixar-se que para inventar; 14.mais contemplativo que pensador; 15.mais lirista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes que de ideias científicas e demonstradas. (CHAUÍ, 2007, p.22).

Mário dialoga com essa caracterização do brasileiro apático, na crônica “Romances de aventura”:

O homem no geral se orienta muito mais pela fadiga que pela curiosidade. E se tão rara é a vida humana que se equipare aos romances de aventuras, isso vem principalmente da falta de força em seguir para diante. [...].Havia um brasileiro escravo de estimação, em Bombaim. (ANDRADE, 2008, p. 78).

Na crônica “Rei Momo”, Mário critica a imitação do estrangeiro pelo brasileiro:

É inútil: não levam não e ignoro as cores do rei Momo europeu.
[...]

Em cada gesto humano a gente percebe sempre, não a experiência, mas a macaqueação de trezentos séculos. (ANDRADE, 2008, p.150).

No entanto, Mário não se ateu apenas ao lado negativo do brasileiro, mas optou também por “divulgar” características brasileiras positivas, como uma tentativa de fortalecer a consciência do brasileiro sobre si mesmo e sua cultura, rumo ao estabelecimento de uma “identidade nacional”. Há a valorização, dentre outras características, da cor da pele do nordestino, em “Bom Jardim”: “E que cor bonita a dessa gente!... Envergonha o branco inosso dos brancos... Um pardo dourado, bronze novo, sob o cabelo de índio às vezes, liso, quase espetado.” (ANDRADE, 2008, p.117); da linguagem do negro, em “Foi sonho”: “Agora nem num sei si devo contá o resto, Frorinda, praque eu quero é num te mátratá.” (ANDRADE, 2008, p.51) e da “doçura” da vida brasileira, na crônica “Conversa à beira do cais”:

Mas fiquei logo com vontade de me vingar do companheiro e meti o pau em Portugal, por causa do fachismo. Mas o português me ajudou. Então meti o pau na França, meti o pau na Europa e, é incrível! Não uso patriotices, mas não sei o que me deu: me deu uma vontade de elogiar o Brasil, fiz. Ele aceitou, com indiferença, meus comentários sobre a doçura, apesar de tudo, desta nossa vida brasileira. (ANDRADE, 2008, p.49).

Em 1924, Mário de Andrade passou a buscar assiduamente o desenvolvimento de um projeto de valorização nacional, sob a influência do poeta francês Blaise Cendrars. O intelectual francês reconheceu a grande riqueza do Brasil, revelando-a ao grupo de escritores brasileiros, em excursão realizada a Minas Gerais, durante a qual se dedicou à conceituação estética do primitivismo. Participaram da viagem Cendrars, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e seu filho, Olívia Guedes Penteado, Paulo Prado, René Thiollier e Gofredo da Silva Telles. Esse contato direto com o povo brasileiro suscitou a reflexão dos modernistas sobre a cultura brasileira e, principalmente, difundiu o direito constante de se fazer pesquisa estética, despertando os brasileiros para o desenvolvimento, a evolução da literatura brasileira e o estabelecimento de uma consciência nacional:

A “Viagem da descoberta do Brasil” provoca um amadurecimento no projeto nacionalista de nossos modernistas, fazendo com que a ênfase, que de início recaía com mais

força sobre o dado estético, possa ir, progressivamente, abrangendo e sulcando o projeto ideológico. (LOPEZ, 1976, p.16).

Em sua crônica “Tacacá com Tucupi”, Mário menciona a influência de Blaise Cendrars: “Quem me chamou uma atenção mais pensamentosa para a cozinha brasileira foi, uns quinze anos atrás, o poeta Blaise Cendrars. Desde que teve conhecimento dos pratos nossos, ele passou a sustentar a tese de que o Brasil tinha cultura própria [...]” (ANDRADE, 2008, p.139).

Esse intercâmbio de valores entre Cendrars e os escritores brasileiros paulistanos e também as fortes influências das vanguardas europeias ocasionaram um amadurecimento dos brasileiros a respeito do valor da arte moderna tipicamente brasileira e, conseqüentemente, todo um movimento de valorização da arte nacional.

Se não estamos em simplificação excessiva, é possível afirmar que a chegada das vanguardas – [...] – conheceu o filtro permanente de diversas posições nacionalistas entre os jovens modernizadores [...]. A urgência e o empenho de filtragem ideológica do nacionalismo para as artes modernas conduziu a uma complexa adaptação das vanguardas européias às condições brasileiras, fazendo com que nossa circunstância nacional interferisse decisivamente para aclimatar aqui o novo modo produtivo das artes, na origem sobretudo cosmopolita e internacional, segundo uma chave nacionalista, embora com diferentes tonalidades. (FACIOLI, 1994, p.166).

Mário de Andrade levou essas questões em conta, juntando o ideal de valorização nacional a estilizações como o humor, a ironia, o riso, ao mesmo tempo, mantendo uma preocupação humanista de desenvolvimento dos valores do povo brasileiro.

Há no Modernismo uma extraordinária alegria criadora (“O claro riso dos modernos”, escreveu Ronald de Carvalho), que invade todos os gêneros, atinge as alturas picarescas de Macunáima, tempera a obra de Antônio de Alcântara Machado, é elevada por Oswald de Andrade e instrumento de análise e por todos manejada como arma de luta.

Esta atitude no fundo é um desejo de retificação, de desmascaramento e de pesquisa do essencial; a ela se prende o nacionalismo pitoresco, que os modernistas alimenta-

ram de etnografia e folclore, rompendo o nacionalismo enfeitado dos predecessores. No índio, no mestiço, viram a força criadora do primitivo; no primitivo, a capacidade de inspirar a transformação da nossa sensibilidade, desvirtuada em literatura pela obsessão da moda europeia. (CANDIDO, 1977, p. 11).

Macunáima é uma obra que se calca no humor para difundir o tipo brasileiro:

Será, talvez, uma epopeia no modo irônico e não no modo épico. Além disso, é uma epopeia “simultaneísta” uma vez que dela o Tempo está excluído e, por consequência, a sucessão histórica. Macunáima não é um personagem: é um símbolo. Não se pode comparar ao “astuto Ulisses”, como se pretendeu, pelo simples motivo de ser uma réplica nacional de um tipo folclórico, e não de um tipo literário. (MARTINS, 2002, p.206).

Em 1926, Mário viajou para o Nordeste, para coletar informações e documentação sobre a cultura do povo brasileiro nessa região.

Como afirma Lopez:

Nessa época, é necessário que se ressalte, nosso escritor, que estuda Folclore e recolhe documentos, já não considera o Folclore como uma disciplina isolada, autônoma, colocando-o muito lucidamente enquanto ciência social, como Etnografia, pois não dispunha de meios para diferenciar as atribuições da Antropologia cultural, da Etnografia e da Etnologia. Assim fazendo, está se insurgindo contra uma posição elitista de seu tempo que congelava o Folclore, dissociando-o dos demais fenômenos da sociedade e reduzindo-o à valorização do “pitoresco”. (LOPEZ, 1976, p. 16).

As duas viagens do escritor para o Nordeste resultaram na publicação das crônicas de viagem da série “O turista aprendiz”, no *Diário Nacional*, além de terem sido fundamentais para reunir farto material de pesquisa sobre danças dramáticas, melodias do Boi, música de feitiçaria, religiosidade popular, crenças, superstições e poesia popular.

Aos estudos folclóricos e etnográficos, que afirmavam a condição primitiva da cultura brasileira, Mário contrapôs os elementos do mundo civilizado, tendo como

principal cenário a cidade de São Paulo, a fim de pensar na definição do modo de ser brasileiro como constituinte de uma unidade cultural da nação, na qual o primitivo se mantém na base. O elemento popular (folclórico) assume, então, uma posição privilegiada por ser compreendido como sobrevivência do elemento primitivo. Como afirma Moraes, "A articulação dos conceitos de nação, cultura popular e 'coisa folclórica' é recorrente nos escritos de Mário de Andrade." (MORAES, 1990, p.80).

Para a busca da identidade nacional, Mário atentou para a pesquisa constante e para a manifestação de suas conclusões nos escritos, principalmente nas crônicas. Em 1927, Mário iniciou o exercício de escritor no jornal *Diário Nacional*, onde atuou primeiramente como crítico de arte. Dando seguimento a e incrementando seu trabalho no jornal, o escritor escreveu crônicas na coluna *Táxi*. Mais tarde, Mário reuniu algumas crônicas escolhidas para compor a coletânea *Os filhos da Candinha*. Essa coletânea contém textos de diversos momentos, da série "O turista aprendiz", de 1928 a 1929, da coluna de crônicas "Táxi", de 1929 a 1930, das publicadas no *Diário Nacional*, de 1929 a 1932 e no *Diário de S. Paulo*, de 1934 a 1939.

As crônicas dessa coletânea são veículo de crítica, de divulgação da cultura nacional de forma intelectualmente amadurecida, humanista e longe do individualismo dos Modernistas de 22.

Abandonei, traição consciente, a ficção, em favor de um homem-de-estudo que fundamentalmente não sou. [...].

Mas eis que chego a este paradoxo irrespirável: tendo deformado a minha obra por um anti-individualismo dirigido e voluntarioso, toda a minha obra não é mais que um hiperindividualismo implacável! [...]. Eu não posso estar satisfeito de mim. O meu passado não é mais meu companheiro. (ANDRADE, 1978, p.254).

O que Mário demonstra nas crônicas d' *Os filhos da Candinha* é a preocupação com a atitude do brasileiro de não-alienação, de reconhecimento de sua cultura, de discernimento para que não fique a copiar a cultura europeia, conforme vemos em "Largo da Concórdia": "É um samba carioca da gema, que um dos portugueses dançarinos se lembrou de *humanizar mais*, com o canto. *Intromete* na melodia da gaita quadrinhas do *mais puro e antediluviano Portugal*." (ANDRADE, 2008, p.97; grifo nosso). Ressaltamos a forma irônica com a qual Mário configura sua crítica à influência portuguesa. Isso comprova o caráter analítico do escritor ao buscar comparações com outras culturas para a valorização e o estabelecimento da identidade

brasileira, conforme afirma Moraes: “Um retrato-do-Brasil instituíra uma relação entre a parte Brasil e o concerto internacional onde este se apresentava como um dos pólos da relação.” (MORAES, 1990, p.79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente pesquisa, foi possível identificar alguns aspectos importantes nas crônicas de Mário de Andrade. O escritor traz à tona aspectos culturais nacionais, por meio da apresentação do tipo brasileiro, da natureza e dos elementos folclóricos que representam o Brasil.

Conforme afirma Moraes, a busca de Mário de Andrade pela originalidade nacional pode ser notada pela adesão do escritor à etnologia e ao folclore, “que buscavam determinar as qualidades do elemento primitivo definindo-as com relação ao elemento civilizado.” (MORAES, 1990, p.70).

Nessa tentativa de estabelecimento do nacional, Mário de Andrade desabafou:

Os próprios norte-americanos de Iquitos que seguram por terem uma civilização por detrás. Nós é esta irresolução, esta incapacidade, que uma capacidade adotada, uma religião que seja, não evita. D’áí uma dor permanente, a infelicidade do acaso pela frente. (ANDRADE, 1976, p.165).

O nacionalismo de Mário de Andrade se constitui a partir da comparação com o que não é nacional, por isso é frequente encontrarmos em suas crônicas o tratamento de outras culturas, sempre em um movimento de sobrepor a brasileira à estrangeira. É o que notamos na crônica “Brasil-Argentina”:

No campo me acalmei com segurança. Estávamos em pleno domínio do “nacioná”, com algumas bandeiras argentinas por delicadeza.

[...]

Mas logo bem brasileiroamente desanimei, lembrando que seria inútil uma lavada exemplar. Não serviria de exemplo nem de lição a ninguém. Ao menos meu amigo foi generoso comigo [...]:

-Era natural que vocês perdessem...Os brasileiros "almejar" vencer, mas os argentinos "quiseram" vencer, e uma coisa é almejar, outra é querer. Vocês...é um eterno iludir-se sem fazer o menor gesto para ao menos se aproximar da ilusão. [...] A força verdadeira de um povo é converter cada uma das suas iniciativas ou tendências em norma quotidiana de viver. Vocês?... nem isso... Os argentinos, desculpe lhe dizer com franqueza, mas os argentinos são tradicionais. (ANDRADE, 2008, p.67).

Mário compreende o nacionalismo como um processo de constante pesquisa sobre as características culturais brasileiras; para tanto, buscou no estudo do folclore e da etnografia os elementos culturais primitivos, capazes de estabelecer uma unidade cultural nacional.

NOTA

¹ Docente no curso de Letras do Centro Universitário UNIFAFIBE. Mestre em Estudos Literários pela Universidade "Júlio de Mesquita Filho", campus de Araraquara. E-mail: miafa@bol.com.br

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Macunaíma*. Códice, 1997.

_____. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1978.

CANDIDO, A; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: Modernismo* 3. 6. ed. São Paulo: Difel, 1977.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

FACIOLI, Valentim. O Brasil e o Surrealismo (Aspectos do campo da produção artística erudita no período de 1920 a 1950). In.: PONGE, Robert. (Org.) *Aspectos do Surrealismo*. *Organon*. Revis-

ta do Instituto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 8, n. 22, 1994.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Viagens etnográficas de Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas cidades, 1976.

MARTINS, W. *A ideia modernista*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2002.

MORAES, Eduardo Jardim de. Mário de Andrade: retrato do Brasil. In: BERRIEL, Carlos E. O. (Org.). *Mário de Andrade hoje*. São Paulo: Ensaio, 1990.